

<b>OBRA ANALISADA</b>	<b>A Escrava Isaura</b>
<b>GÊNERO</b>	Prosa, romance
<b>AUTOR</b>	Bernardo Joaquim da Silva Guimarães 1896 nomeado patrono da Cadeira nº 5 da Academia Brasileira de Letras, por escolha de Raimundo Correa.
<b>DADOS BIOGRÁFICOS</b>	<b>Nascimento:</b> 15 de agosto de 1825, Ouro Preto, interior de MG  <b>Morte:</b> 10 de março de 1884, Ouro Preto, MG
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<p>Cantos da solidão, 1852  Inspirações da tarde, 1858  Poesias diversas, 1865,  Evocações, 1865</p> <p>POESIAS, 1865: volume com 4 obras em verso  anteriores publicadas + poema A baía de Botafogo.  Folhas de outono, 1883  Novas poesias, 1876</p> <p>CONTOS  Lendas e romances, 1871  O pão de ouro, 1879  Jupira  Dança dos Ossos</p> <p>CRÔNICAS e NOVELAS  Histórias e tradições de Minas Gerais, encomendada  pelo imperador D. Pedro II: contos/novelas, 1872 -  A filha do fazendeiro</p> <p>ROMANCES  O ermitão de Muquém, escrito em folhetim 1858;  publicado em 69  O garimpeiro, 1872  O seminarista, romance de tese, 1872  O índio Afonso, 1872  O índio Afonso, 1873  A escrava Isaura, 1875  Maurício ou Os Paulistas em São João Del-Rei, 1877  A ilha maldita ou A filha das ondas, 1879  Rosaura, a enjeitada, 1883</p> <p>COLETÂNEA DE VERSOS  Novas poesias, 1876  Folhas de outono, 1883</p> <p>Obras póstumas  O bandido do Rio das Mortes, 1905, romance,  concluído por sua esposa Teresa Guimarães</p> <p>DRAMA  A voz do pajé, 1860  Outros dramas não publicados em vida  Os inconfidentes, 1865  Os dois recrutas, 1870  As nereidas de Vila Rica ou as fadas da liberdade,  1870  A catita Isaura, 1876</p>

## RESENHA

Escrito em plena campanha abolicionista: *primeiros anos do reinado do senhor Dom Pedro II*. Numa fazenda em Campos de Goitacazes, à margem do Paraíba, norte do Rio de Janeiro, vivia Isaura; era escrava de beleza singular. Por quê? Fruto da união de um feitor português, Miguel, com uma escrava mulata, Juliana, mucama favorita e criada fiel da esposa do comendador. Miserando destino de Juliana: atormentada pelo proprietário da bela e suntuosa fazenda, comendador Almeida, pai de Leôncio, até a morte.

Isaura nasceu, de fato, antes que a Lei do Ventre Livre assegurasse a liberdade a todas as crianças nascidas de ventre escravo. Desse modo, a cor da pele pouco importava, uma vez que sua origem selava o seu infortunado destino.

Isaura mestiça, mas com destaque de suas características do pai [fruto do autor], teve educação esmerada por sorte de sua sinhá, que lhe dera os primeiros ensinamentos, além de complementar com estudos de piano, canto e línguas estrangeiras.

Leôncio e Malvina: casamento por especulação. Malvina era filha de riquíssimo negociante da corte e amigo do comendador

A situação na fazenda era insustentável: Leôncio e Henrique, irmão de Malvina, tentavam, em vão, seduzi-la. Por repelir o senhor, a escrava foi punida com sua ida para a senzala e ameaçada de ir para o tronco. Seu pai lhe propõe fuga para qualquer lugar bem longe dali. Seguiram para as províncias do Norte em um navio negreiro de que era capitão um também português, antigo e dedicado amigo de seu pai. Chegam ao Recife já com nomes falsos: ela com o nome de Elvira; ele, Anselmo.

É claro que com tamanha beleza, logo se destacará nos salões. É observada por Álvaro, jovem rico, abolicionista e republicano. Da célere relação, surge o amor. Leôncio a reencontra e a conduz à fazenda; ainda era sua escrava. Não lhe fora concedido o título, que seu pai tentara adquirir após anos de economia e sofrimento para juntar os dez contos de réis da liberdade. Como penalidade pela fuga, o algoz lhe propõe casamento com o jardineiro da fazenda, Belchior, apesar de sua deformidade e idiotismo.

Entretanto, quando lhe escapam as forças, Álvaro traz a salvação: Leôncio em péssimas condições financeiras; bens nas mãos de vários credores. Álvaro compra/negocia suas dívidas. A partir de agora seu único credor. Decreta a sua falência/insolvência. Sem saída, Leôncio suicida-se. O amor triunfa enfim; casam-se.

A justiça é uma deusa muito volúvel e fértil em patranhas. [cap. XV]

---

## ESTILO DE ÉPOCA

Romantismo – segunda geração – regionalismo romântico

### Recursos expressivos

= narrativa pormenorizada; rica em detalhes que retratam a intensidade dos costumes e da vida social [abuso de adjetivos redundantes, segundo o crítico Antonio Candido]  
= descrição da impressionante paisagem brasileira: a pintura exata, viva e bem traçada dos lugares – as fazendas, o canto das aves, a cor da vegetação tão única em nosso país, a luz do sol fustigando a terra.  
= um sertanismo com toque de lirismo = sertanismo romântico [Massaud Moisés]  
= subjetivismo: o mundo pessoal, interior, se torna palco para a criação repleta de emoções pessoais  
= linguagem mais espontânea na produção dos romances  
= nosso autor propõe um retorno à forma dos clássicos portugueses, com exclusão da mitologia grega, para, desta forma, pintar a época em que vivia com trejeitos de fidedignidade.  
= Romantismo marcado pela fé: crença na própria verdade, na justiça procurada, nos sentimentos revelados, nos ideais perseguidos.  
= carregada de emoções e sentimentos, nas figuras do herói e do vilão, na visão de mundo maniqueísta.  
= figura da mulher idealizada  
= o amor à primeira vista: Isaura + Álvaro  
= nosso autor busca sensibilizar seus leitores do problema escravagista – “transfere” o leitor para a pele de uma escrava. Seu público deveria se identificar com a cativa Isaura, perceber seu sofrimento e questionar sobre a injustiça da escravidão.

### Linguagem

Leôncio: um perfeito dândi  
gíria da época; ref. aos homens com grande fama de conquistadores.

jornaleiro: peão de fazenda, que trabalhava por jornada.

Agentes particulares: caçadores de escravos; homens livres que, em troca de dinheiros, perseguiam escravos fugidos para devolvê-los ao dono. Ex. Martinho [cap. XIII, XIV, XVI]

Que me queres?.. = Que queres de mim? [cap. VI]

Admirá-la mais de espaço = mais devagar [cap. X]

Caluda! Interjeição usada para pedir silêncio [VI]

Máximas / adágios populares:  
“... atrás de mim virá quem bom me fará”

“enquanto o pai vai e vem, folgam as costas” [ cap. XVI]

era cré com cré, lé com lé [cap. XIX]  
= cada qual com o seu igual

estudantes: excêntricos à Byron [cap. XIII]  
poeta inglês, cuja vida aventureira influenciou o

---

comportamento de jovens de muitos países no século XIX.  
Misantropos, cheios de esplim [do ingl. spleen]=  
tédio de tudo, enfado, melancolia  
Martinho nada tem de esplinético nem de byroniano.

Constantes ref. à Mitologia Greco-romana  
Isaura

- cantora como Vênus, deusa do amor, nascida das espumas do mar. [cap. I]  
- ao piano, uma Calíope, a musa da poesia épica e da eloquência [cap. XI]

Ref. a Johann Lavater, filósofo suíço que pretende descrever as características morais das pessoas de acordo com seus traços fisionômicos [cap. XIII]

Ref. a Abraão – personagem bíblico – que amou sua escrava, serva egípcia Agar, e por ela abandonou Sara, sua mulher. [cap. XV]

Isaura petrificada como a mulher de Ló  
De acordo com a Bíblia, a esposa de Ló foi transformada em estátua de sal, porque olhou para trás, ao fugir da cidade de Sodoma. [cap. XX]

Leôncio → Álvaro  
Esse D. Quixote de nova espécie, amparo da liberdade das escravas alheias, não achará senão moinhos de vento a combater. [cap. XXI]

**Linguagem Conotativa** – recurso especial de construção; valoriza e embeleza o texto:  
COMPARAÇÃO

A tez é como marfim do teclado... [cap. I]

Isso mesmo! Isaura possui aparência apolínea.

Isaura... esconder-se entre os laranjais como lebre medrosa [cap. V]

Isaura grandes olhos pretos cobertos de luz baça e melancólica eram como círios funéreos sob a arcada sombria de uma capela tumular. [cap. XX]

**METONÍMIA**

Leôncio pôs-se a fumar tranquilamente o seu havana. [o lugar de produção pelo produto] cap. V

**HIPÉRBOLE**

... fuzilaram-lhe nos olhos lampejos de cólera terrível. [cap. VI]

... atirou-se ao seio de seu pai e inundou-o de uma torrente de lágrimas [cap. XX]

**PERÍFRASE**

Recife, Veneza da América do Sul [cap. X]

Leôncio: coração ardendo nas chamas de uma paixão febril e delirante [cap. IX]

**Personagens:** planos, estáticos, superficiais, estereótipos, de uma coerência rígida, sem mistura, defeitos ou virtudes

Heróina: Isaura, escrava submetida às vontades de

---

seu senhor; resiste ao assédio, conserva sua dignidade e pureza.

Miguel, seu pai: jardineiro de profissão; passou a vida como feitor num círculo limitado de relações

Malvina + Leôncio

Malvina, moça ingênua e crédula, com um coração sempre propenso à ternura e ao perdão; esposa ofendida

Comendador Almeida: sinhô velho, "home judeu" = avarento, mau. Morte no cap. VII / VIII / IX

Vilão: Leôncio, filho, um dos mais afamados e elegantes leões dos bulevares

leões = homens com fama de grandes conquistadores

Reafirmação dos direitos do proprietário de escravos sobre o ser humano reificado que deve ceder, de forma submissa, aos seus caprichos e vontades. Seu amor é doentio; coexiste com o ódio.

Herói: Álvaro – ideias abolicionistas, espírito filantrópico; luta contra os valores da sociedade a qual pertence.

Rosa: escrava apaixonada pelo patrão, amásia dele, maligna e vingativa; êmula = rival, adversária; nutre inveja de Isaura. [cap. VII]

6 horas: escravos chamados para o jantar: *vamos ao feijão*

A ração alimentar do escravo de maneira geral era composto de fubá de milho cozido com água o chamado angu, feijão e sal, pirão, a caça, a pesca, a carne-seca, toucinho, farinha de mandioca, banana e laranja. A nossa famosa "feijoada". Sabia?

OBJETOS da ESCRAVIDÃO:

Chicote de Leôncio + algemas + tronco + roda

NARRADOR

Entremos sem cerimônia

CONVERSA COM O LEITOR

Em duas palavras o leitor ficará inteirado do motivo desta malevolência de Rosa. [cap. VII]

Descrever o mísero estado em que ficou aquela pobre alma é empresa em que não me meto; os leitores que façam ideia. [cap. XVIII]

Flashback

Pelo diálogo acima o leitor bem vê que nos achamos de novo na fazenda de Leôncio,... na mesma sala em que no começo desta história encontramos Isaura entoando sua canção favorita. [cap. XIX]

---

#### INTERTEXTUALIDADE

Para a sociedade conservadora e racista, no Brasil do século XIX, a cor da pele significa uma espécie de distinção. A escrava Isaura tem a pele branca, mas a sua origem é negra, ela é então vítima de um tipo racismo que pode esclarecer a discriminação no Brasil hoje. A discriminação pela cor da pele amplia

---

um tipo de segregação que vai além do racismo.

A escravidão em geral + a **escravidão no Brasil**, em particular.

A escravidão e o tráfico negreiro

A escravidão no Brasil iniciou-se ainda na primeira metade do século XVI, com início das atividades de produção de açúcar.

Fonte: Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo

As crianças não nascem escravas, no Brasil, desde 1871. A obra lida é um instrumento de denúncia da vida dos negros no cativeiro; é um panfleto das lutas em favor da abolição da escravatura no país.

#### **Antiga e nova escravidão**

Apesar de a escravidão ter se tornado oficialmente ilegal, o Estado e a sociedade não garantiram condições para os libertos poderem efetivar sua cidadania.

Fonte: Repórter Brasil – Agência de notícias

A escravidão em nosso país ainda tem um longo caminho a percorrer.

#### **Isaura através de prismas diferentes**

Adaptação para cinema, teatro e TV.

Na TV, o apelo emocional: a re-visita da obra traz, à baila, um olhar fulminante sobre as formas do preconceito e do racismo. Numa nação mestiça, as formas do racismo e da intolerância portam uma tonalidade particular, em que se misturam as formas da integração e da exclusão, em relação à estratificação social e à cor da pele.

#### **Paródia: humor para distorcer ou criticar as ideias originais**

Como uma provocação ao estilo romântico, o escritor modernista Mário de Andrade escreveu *A Escrava que não era Isaura*, em 1925.

A condição de escravo era comparável ao tratamento dado aos animais, pois eram vistos pela classe dominante e literatura da época como bestas de carga para a acumulação de capital. Interessava ao proprietário conservá-los, como às bestas de carga, em boas condições de uso.

CASA GRANDE & SENZALA, de Gilberto Freire, intérprete da formação do povo brasileiro, trata, em algumas passagens, do comércio e da fuga de escravos negros no Brasil.

Negros mais valorizados: os fortes e os bonitos

Jean Baptiste Debret

pintor e desenhista francês; viveu no Brasil de 1816 a 1831: aquarelas relacionadas ao trabalho escravo

Uma análise das representações românticas de mulheres brasileiras do século XIX

Assinalar as semelhanças e diferenças:

Isaura + Iracema:

Isaura elevado grau de idealização: mulher perfeita, superior e pura.

---

Iracema: caracterizada com base em comparações com elementos da natureza local: cabelos mais negros que a asa da graúna...

Iracema: representante índia; valorizar o índio como herói nacional; ao homem da terra é atribuído caráter perfeito e idealizado tal como Adão e Eva. Apesar das duas idealizações...

Logo: Isaura X Iracema

Iracema: índia, que vive em liberdade e harmonia com o meio natural;

Isaura: escrava, que vive oprimida pelas injustiças do meio social.

Que atitudes podem ser tomadas para combater o preconceito e a discriminação na sociedade brasileira contemporânea? Reflitam, debatam. Concluam!

---

### **VISÃO CRÍTICA**

"Numa literatura não muito abundante em manifestação abolicionista, é obra de muita importância, pelo modo sentimental como focalizou o problema, atingindo principalmente o público feminino, que encontrava na literatura de ficção o caminho de fuga, numa sociedade em que a mulher só saía à rua acompanhada e em dias pré-estabelecidos; o mais do tempo ficava retida em casa, sem trabalho obrigatório, bordando, cosendo e ouvindo e falando mexericos, isto é, enredos e intrigas, como se dizia no tempo e ainda se diz neste romance."

[crítico literário Manuel Cavalcanti Proença]

Nosso autor trouxe contribuição para o surgimento de uma literatura diversificada na temática – urbana/cortês e rural/provinciana.

Não possuindo aspirações políticas na Corte, procurou se afastar dos tons apologéticos vigentes e se aproximou de uma visão mais "neutra" e, isto é, mais distanciada de amarras conceituais. [in Bernardo Guimarães, o crítico, UFJF]

Segundo Massaud Moisés: com esse romance, Guimarães atinge o cerne do problema abolicionista e da sua obra ficcional.

Para alguns estudiosos, Bernardo acabou carregando tanto nas suas tintas que terminou por manchar seu pensamento abolicionista. A tez cor de rosa demais leva a crer que o interesse pela escrava estaria na sua beleza e não na sua condição. Leva-nos a pensar que se não tivesse esses dotes, provavelmente seu infortúnio não teria fim, condenada desde sempre ao pelourinho e à senzala.

"A *Escrava Isaura*", uma história criada no século XIX e que ainda toca a sensibilidade do público do século XXI.

---